

Efeito de realidade e limitações da imagem nos processos de investigação jornalística: Considerações sobre as fotografias e imagens televisivas vencedoras das premiações que homenageiam Tim Lopes ¹

Reality Effects and limitations of images in Investigative Journalism Processes: Considerations on photographs and televising images, that won awards in honor of Tim Lopes

Soraya Venegas Ferreira²

Resumo: Apesar da máxima de que “uma imagem vale mais que mil palavras”, questiona-se se ela seria um método adequado ao Jornalismo Investigativo. Esse questionamento torna-se ainda mais relevante quando olhamos a fotografia. A raiz ocidental do termo propõe foto = luz e grafia = escrita, o que reforça seu caráter de linguagem. Mas, ao buscarmos a raiz oriental da palavra, o termo *sha-shin* quer dizer imagem real. O mito da homologia automática constitui-se em seu poder e seu fardo que, por extensão, são passados para imagem televisiva. As premiações que contemplam categorias ligadas à imagem impõem as suas comissões julgadoras a difícil tarefa de contemplar simultaneamente a importância dos fatos retratados e as qualidades técnicas e estéticas do registro. Nessa perspectiva, ao analisar as imagens vencedoras do *Troféu Tim Lopes de Reportagem de Jornalismo Investigativo* e do *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* busca-se compreender suas características como paradigma de excelência em relação ao(s) processo(s) de investigação jornalística.

¹ Trabalho apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 29 de junho e 01 de julho de 2017.

² Doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), com Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo (PPGCom-UFF). Pesquisadora do Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá, onde desenvolve pesquisas sobre a imagem jornalística. Além de participar do NDE dos cursos da área de Comunicação e Artes, é coordenadora dos Cursos de Jornalismo e de Fotografia e professora titular da Universidade Estácio de Sá. Avaliadora de Cursos do MEC-INEP. Email: sosovenegas@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Imagem Jornalística, Jornalismo Investigativo, Paradigmas de Excelência, *Troféu Tim Lopes*, *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*

Abstract: Despite of the sentence that says that "an image is a thousand of words worth", we ask if it would be a suitable method for Investigative Journalism. This question becomes even more relevant when we study photography. The word Photography can be understood as photo = light and graphy = writing, which reinforces its character of language. But when we look at the Oriental word, the term sha-shin means real image. The myth of automatic homology is at the same time its power and its burden, which by extension are passed on to television images. The awards that contemplate categories linked to the image impose their judging commissions the difficult task of simultaneously contemplating the importance of the facts portrayed by photograph or televisive images and its technical and aesthetic qualities. In this perspective, when analyzing the winning images of *Troféu Tim Lopes de Reportagem de Jornalismo Investigativo* and *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*, we try to understand their characteristics as a paradigm of excellence in relation to the Journalistic Investigation Process.

Keywords: Journalistic Image, Investigative Journalism, Paradigms of Excellence, *Troféu Tim Lopes*, *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*

1. A fotografia e os processos investigativos: Mais limitações do que potencialidades

Ao buscar o significado do verbo *investigar* em diversos dicionários, a maior parte das definições ou sinônimos apontam para *pesquisar*, *seguir vestígios*, *proceder a diligências*, *procurar minuciosamente*, *examinar* e outros termos ou expressões que se referem a processos que demandam registros, provas, mas precisam de tempo para preparação e execução. Ao passarmos para o adjetivo *investigativo* associado ao Jornalismo, o nível de complexidade aumenta. Ciro Marcondes Filho (2002), por exemplo, apresenta o Jornalismo como uma atividade múltipla em suas tarefas e diversa quanto aos meios de difusão das mensagens. Para ele, além de distinguir funções, meios e veículos, é preciso entender as “classes” numa redação: dos jornalistas com grande visibilidade e detentores de altos salários do que o autor chama de “massa-suporte”, composta pelos repórteres, cinegrafistas, fotógrafos e estagiários. Ele contempla ainda a estratificação por gerações, o que torna os perfis profissionais bastante diferentes entre si.

De acordo com Nelson Traquina (2002), apesar das particularidades, a noção de “campo jornalístico” ganhou forma nas sociedades ocidentais no século XIX a partir do desenvolvimento do capitalismo e de outros processos que culminaram com a emergência da

imprensa como meio de massas. A partir daí, as notícias se tornaram ao mesmo tempo mercadoria e serviço; o Jornalismo transformou-se em negócio e em elemento vital para teoria democrática; e os jornalistas se empenharam num processo de profissionalização em busca de mais autonomia e status social. Desse processo decorreu a noção de “comunidade interpretativa”, proposta por Dell Hymes e apropriada por Traquina ao definir jornalistas como uma “tribo”. Entre os valores profissionais dessa “tribo”, citados pelo autor, estão a liberdade, independência e autonomia em relação aos outros agentes sociais; a credibilidade, que leva ao constante trabalho de verificação dos fatos e avaliação das fontes de informação, o compromisso com a verdade e como a objetividade do relato noticioso. Características essas, que embora bastante discutíveis, vão ao encontro das funções tradicionalmente atribuídas à imagem fotográfica e videográfica e aos preceitos das reportagens investigativas.

Para Patrick Charaudeau (2006), a função do jornalista é coletar acontecimentos e saberes, antes de depurá-los e transmiti-los. Este procedimento é determinante para definir os dois papéis fundamentais do jornalista na perspectiva do autor: o de “pesquisador-fornecedor da informação” e o de “descritor-explicador da informação”. De modo geral, o jornalista se mostra como revelador da informação oculta, se colocando como adversário do poder instituído e aliado do público. Muitas vezes assume o papel de intérprete dos acontecimentos, apurando as causas e situando-os. Há momentos em que tenta funcionar didaticamente como educador da opinião pública, sendo assim, ele é o responsável por definir “o que é notícia”. Pode-se que dizer, portanto, que notícia passa a ser aquilo que os jornalistas e as empresas jornalísticas definem como tal.

A partir dessas percepções sobre a profundidade necessária aos processos de apuração, para alguns profissionais, ainda hoje, a expressão *Jornalismo Investigativo* parece redundante ou incômoda, pois toda atividade jornalística deveria pressupor a investigação. Outros, contudo, apontam diversas matérias, como por exemplo as entrevistas coletivas, que não requerem investigação e, que ainda assim são Jornalismo. Solano Nascimento torna-se referência entre os que propõem o Jornalismo Investigativo como uma prática diferenciada do Jornalismo não adjetivado, na medida em que os repórteres utilizam metodologias e técnicas não ortodoxas para obtenção e checagem das informações. O *Jornalismo*

Investigativo, na sua concepção, não pode ser confundido com o *Jornalismo sobre Investigações*, que se ocupa da divulgação do trabalho daqueles cuja obrigação profissional é justamente investigar os crimes.

Na perspectiva de Marcelo Beraba, ex-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – Abraji, o Jornalismo Investigativo é hoje uma qualificação específica para as reportagens de mais fôlego, que demandam tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e rechechagem numa busca obsessiva por documentos e provas. Sendo assim, essa visão de processo seria incompatível com a instantaneidade fotográfica, mas bastante adequada às sequências de imagens televisivas, as matérias e séries de reportagens para TV.

Solano Nascimento (2010) sintetiza três requisitos para que uma reportagem seja considerada investigativa: 1) A investigação deve ser feita por jornalistas e não fruto de investigações de outra ordem; 2) O tema deve ser de interesse público e ter relevância para a audiência; 3) A reportagem deve demonstrar a superação de obstáculos, visto que se tenta esconder o assunto do público. A reportagem deve atender aos preceitos do Jornalismo, como estabelecido no Art. 4º, do Cap. 2 do Código de Ética do Jornalista, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. (FENAJ, 2007, sp).

Desde os primórdios a invenção da fotografia, devido às suas características técnicas, trouxe para o Homem a possibilidade de, aparentemente, retratar o mundo de modo mais isento do que os sistemas que a precederam, fossem eles pictóricos ou verbais. A mística da objetividade fotográfica, em que se priorizam os aspectos físicos e químicos do processo, praticamente negando a subjetividade do fotógrafo e ignorando a questão da autoria, atravessou o século XIX e boa parte do XX. Ela foi muito útil ao Jornalismo e construiu para o senso comum uma amálgama praticamente indestrutível entre fotografia e realidade. Essa liga tornou-se ainda mais forte e quanto à imagem passou a ser veiculada cotidianamente pela mídia e o conceito de realidade ampliou-se.

Para Lorenzo Vilches (1987), a foto de imprensa aparece para o leitor com maior grau de

objetividade do que o texto escrito e no contexto de mídia essa “impressão de realidade” é traduzida como “impressão de verdade”. Ele afirma que: “Se uma informação escrita pode omitir ou deformar a verdade de um fato, a foto aparece como um testemunho fidedigno e transparente do acontecimento ou um gesto de um personagem público” (VILCHES, 1987:19). Mesmo com advento dos softwares de tratamento de imagens e dos recursos dos equipamentos digitais, o poder de “retratar da realidade” é o que parece ser, como pontua Roland Barthes (1990), o noema da fotografia. Ao estar diante de uma imagem fotográfica, nos resta a “certeza” do “isso foi”. Nas palavras de Barthes, “mais vale dizer que o traço inimitável da Fotografia (seu noema) é que alguém viu o referente (mesmo que se trate de objetos) *em carne e osso*, ou ainda *em pessoa*” (BARTHES, 1990:118)

O historiador Boris Kossoy (2001) pontua que esse alto grau de iconicidade da fotografia apresenta aspectos positivos e negativos, tornando a semelhança entre a representação e o assunto um tanto incômoda e lembra que as possibilidades de intervenção na imagem existem desde a invenção da fotografia. O que o documento visual faz é testemunhar a ação do fotógrafo enquanto filtro cultural. Alguns autores situam em 1880, nos Estados Unidos, a publicação da primeira fotografia pela imprensa. Mas, somente no início do século XX, o uso de fotografias nos jornais e revistas tornou-se comum.

No Brasil, o marco inicial foi o registro fotográfico da comemoração dos 400 anos do descobrimento, publicado pela *Revista da Semana*. Para Joaquim Marçal de Andrade, esse momento representou “acima de tudo, a transição de uma realidade editorial em que a fotografia era – salvo algumas exceções – primordialmente ilustrativa ou decorativa para uma nova realidade em que a fotografia passa a ser, efetivamente, a notícia” (ANDRADE, 2004: 234). Numa perspectiva cronológica, o autor português Jorge Pedro Sousa (1998), em seu *História Crítica do Fotojornalismo Ocidental* propõe três momentos de “revolução” no fotojornalismo durante o século XX. O primeiro pontua o surgimento do fotojornalismo moderno, no qual há destaque para Erich Salomon e seu conceito de *candid photo* e para Cartier-Bresson, como o de momento decisivo. O segundo apresenta as características do fotojornalismo entre os anos 60 e 80, enquanto o terceiro já contempla o advento da digitalização e do tratamento de imagens e se inicia nos anos 90.

Para melhor entendimento dos critérios de premiação de fotografias, devemos nos ater a Primeira Revolução do Fotojornalismo, que compreende uma geração mítica de fotojornalistas e fotodocumentaristas. Solomon é um dos primeiros a defender a mística da foto única no prefácio de seu livro *Beruhmte zeitgenossen im unbewachten augenblicken* (*Contemporâneos Célebres Fotografados em Momentos Inesperados*), publicado em 1931.

A atividade de um fotógrafo de imprensa que quer ser mais do que um artesão é uma luta contínua pela sua imagem. Tal como o caçador está obcecado pela sua paixão de caçar, também o fotógrafo está obcecado pela fotografia única que quer obter. (...) É preciso lutar contra (...) a administração, os empregados, a polícia, os guardas (...). É preciso apanhá-las [as pessoas] no momento preciso em que elas estão imóveis [por causa dos tempos de exposição]. Depois é preciso lutar contra o tempo, pois cada jornal tem um deadline ao qual é preciso antecipar-se. Antes de tudo o mais, um repórter fotográfico tem de ter uma paciência infinita, e não se enervar nunca; deve estar ao corrente dos acontecimentos e saber a tempo e horas onde é que irão desenrolar-se. Se necessário, devemos servir-nos de toda a espécie de astúcias, mesmo se elas nem sempre são bem sucedidas. (SOLOMON apud SOUSA, 1998).

A geração de fotógrafos que se formou a partir dos anos 30 exerceu forte influência no modo como o fotojornalismo é até hoje avaliado nas premiações destinadas aos profissionais. Numa aproximação aos processos investigativos, Solomon aconselha ainda o uso “astúcias”, ou seja, como pontuava Solano Nascimento, “métodos pouco ortodoxos” para execução dos registros. Segundo a historiadora Ana Maria Mauad, os fotojornalistas da geração mítica pretendiam “exprimir, através da imagem, os seus próprios sentimentos e ideias de sua época. Rejeitavam a montagem e valorizavam o flagrante e o efeito de realidade suscitado pelas tomadas não posadas, como marca de distinção de seu estilo fotográfico” (MAUAD, 2004). O uso do “momento decisivo”, proposto por Henri Cartier Bresson, nas imagens de imprensa, nos reconcilia com o modelo do fotojornalista “testemunha ocular da história”, aquele que está simplesmente com a câmera “no lugar certo e na hora certa” e não com o que interfere nos fatos em busca de um registro mais impactante.

Mesmo tendo sido o grande modelo inspirador de gerações de fotógrafos, esse fotojornalismo de caráter testemunhal, como pontuado por FERREIRA (2002), no qual o fotógrafo é assemelhado a um grande caçador de “momentos decisivos”, já não é a única e, talvez, nem sequer numericamente a mais relevante maneira de se fazer reportagens fotográficas. Contudo, a partir de estudos anteriores sobre as premiações brasileiras, foi

detectado que tende a ser o mais valorizado nos certames. Raramente, a fotografia é percebida como uma possibilidade de Jornalismo Investigativo, pois é pouco compatível com a noção de processo. Os estudos mostraram ainda que possível levantar que a *foto-síntese* (imagem única, que sintetiza um acontecimento) era o modelo mais valorizado pelas premiações até os anos 90. Contudo, com a popularização dos processos digitais, ela começou a perder espaço as para sequências e ensaios, compostos por um número crescente de registros, o que parece um pouco mais compatível com os processos de investigação jornalística.

2. A imagem televisiva: câmeras escondidas e suas potencialidades para o Jornalismo

Os registros exibidos em movimento já não se caracterizam pela síntese, mas sim pela narrativa. Na TV, além das sequências de imagens, temos ainda a participação do texto, seja ele narrado em *off*, ou acompanhado da imagem do repórter nos movimentos conhecidos no jargão profissional como passagem. O texto televisivo tem características próprias de complementação em relação ao que é mostrado na tela. O fato das reportagens serem gravadas ou transmitidas ao vivo tende a despertar reações diferentes no telespectador. Contudo, o efeito de realidade proporcionado pelos aspectos técnicos da captação se mantém na TV, que proporciona maior visibilidade para o repórter, enquanto o restante da equipe (produtor, repórter-cinematográfico e auxiliares) nem sempre recebe o devido crédito. Na perspectiva de Bruno Souza Leal, é necessário que o espectador naturalize o que é visto na TV para que o efeito de realidade se estabeleça.

Na impossibilidade de trazer todo o mundo para o pequeno espaço da tela, a televisão então, recorta-o e produz uma realidade televisiva que demanda o reconhecimento fácil do espectador. Este vê emergir no seu espaço doméstico não um outro mundo – estranho, diferente – mas o “seu lugar”, cenas que compõem o mapa mundi em que habita. Para que as operações de reconhecimento e identificação das cenas da passagem sejam eficazes, é fundamental que o espectador esteja habituado com os recortes e condensações frequentemente usados e repetidos. Nesse sentido, é a formatação do olhar do espectador que está em questão e que faz com que as relações entre campo e extra-campo, entre outras, sejam naturalizadas e pacificadas, de modo que a continuidade desejada se mantenha. (LEAL, 2009, p.100)

A gramática de produção, que precisa ser naturalizada, agora incorpora as *selfies* de

alguns repórteres e produções caseiras enviadas pelos telespectadores e, desde o início dos anos 2000, tem na câmera escondida mais uma estratégia discursiva e de apuração. Seu uso, embora não previsto pelo Código de Ética dos Jornalistas até a revisão de 2007, foi se tornando cada vez mais frequente na medida em que a tecnologia avançava. O Cap. 3 - Art. 11 diz que o Jornalista não pode divulgar informações que tenham sido “III – obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração” (FENAJ, 2007).

Considerado inicialmente um método pouco ortodoxo, e muito discutido na medida em que é difícil determinar quando “todas as outras possibilidades de apuração” se esgotaram, o uso de microcâmeras passou a ser quase a primeira e única opção de registro de irregularidades. Sua utilização, em parte revela a gramática de produção das reportagens, sendo bastante adequada aos processos investigativos, na medida em que, a falta de anuência de quem é gravado facilita a obtenção de informações que dificilmente seriam dadas a um repórter ou frente às câmeras. Não por acaso, muitas das reportagens premiadas fazem uso desse recurso. Na perspectiva de FECE,

A televisão mostra o como das coisas, mas dificilmente o por quê; sacrifica o universal ao particular, as ideias abstratas a uma realidade reduzida ao visível. Para a televisão não existem os "grandes princípios" nem, certamente, as ideologias; só lhe importa o como das coisas, vale dizer, sua visibilidade imediata. Se há um eixo comum nas mensagens mediáticas, este é o primado da atualidade, a preeminência do presente como mais-valia inicial de qualquer material suscetível de ter interesse comunicativo com o público. (FECE, sd, p.39)

Nas premiações estudadas para esse artigo, a divisão da atividade jornalística em categorias, contempla de modo diferenciado os produtos televisivos, na medida em que oferece prêmios para duas categorias distintas: Reportagem Cinematográfica e Reportagem de TV. Na primeira, espera-se que o profissional funcione quase como um “lobo solitário” capaz de capturar imagens que, por si só, reflitam o processo investigativo, o que num olhar mais conceitual nos parece pouco provável.

Já a segunda é fruto de um trabalho em equipe, de um processo normalmente demorado de investigação e obtenção de registros que servirão a uma narrativa, a ser veiculada como uma única reportagem, normalmente bastante longa ou em séries de

reportagens, nas quais normalmente não apenas é revelado o esforço dispendido no processo de investigação como os riscos enfrentados pela equipe para trazer ao espectador um fato de interesse público, mas que a alguém interessava manter escondido.

3. O Jornalismo Investigativo: Tim Lopes enquanto paradigma de excelência para as premiações

O estudo dos prêmios destinados ao Jornalismo em geral e ao Investigativo em particular justifica-se na medida em que eles se destacam entre as representações sociais que, através de um conjunto de conceitos, técnicas e procedimentos, constituem a identidade jornalística. Segundo levantamento feito pelo site premiosdejornalismo.com, em 2015, foram identificados mais de 200 certames. A cada prêmio criado, novas diretrizes implícitas para a prática jornalística são definidas. Enquanto muitos não ultrapassam a primeira edição; outros alcançam longevidade para gerar reconhecimento enquanto capital simbólico e modelo de excelência profissional.

Há ainda os que são interrompidos ou extintos sem alarde, como ocorreu com o *Prêmio Exxon Mobil de Jornalismo* (antigo *Esso*), que após 60 anos, não realizou a edição de 2016 e, até o momento, não anunciou a edição de 2017. A interrupção ocorreu também com os dois prêmios observados nesse trabalho, o que não invalida sua relevância. O *Troféu Tim Lopes* teve 11 edições, sendo a última em 2014; e o *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*, cuja décima e mais recente edição destinou-se aos trabalhos publicados em 2015, contempla três categorias centradas na imagem.

Para estudar qualquer prêmio que homenageie Tim Lopes, além de observar a sua trajetória, em busca de características do *ethos* profissional e de práticas a serem valoradas nos certames, é necessário partir da hipótese de que o jornalismo por ele praticado é adjetivado e de que seu nome tornou-se praticamente sinônimo de Jornalismo Investigativo. Antes de se formar em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Helio Alonso (Facha), Tim Lopes foi *office-boy* na revista *Domingo Ilustrado*, de Samuel Wainer, responsável pelo apelido “Tim”, pelo qual seria conhecido profissionalmente. No fim dos anos 60, já escrevia algumas reportagens para Wainer, mas ainda servia cafezinho na redação da revista

Manchete, de Adolpho Bloch.

Na década de 1970, atuou como jornalista no extinto jornal *O Repórter*, de lá foi para *O Globo*, onde ficou por cerca de 10 anos, depois para o *Jornal do Brasil*, onde permaneceu por cinco anos antes de ir para *O Dia*. Em 1981, lançou o livro *Terror Policial*, compilação das matérias mais contundentes produzidas por ele no Rio de Janeiro, e por Rivaldo Chinem, em São Paulo. Foi repórter ainda da sucursal carioca do jornal *Folha de São Paulo* até chegar a Rede Globo, em 1996.

O uso de disfarces para execução das matérias começou no jornalismo impresso. Para uma reportagem sobre as condições de trabalho nas obras do metrô do Rio, vestiu-se de operário; para uma reportagem do *JB*, passou-se por mendigo para retratar a realidade de meninos de rua. Quando trabalhou em *O Dia*, disfarçou-se de peão de obra e de sem-teto. Já na Globo, fantasiou-se de Papai Noel. Essas reportagens, bem como outras estratégias pouco ortodoxas do jornalista, foram lembradas por ex-colegas no documentário *Histórias de Archanjo*, lançado em 2014.

Seu assassinato, em junho de 2002, foi um marco para o posicionamento dos profissionais de imprensa, especialmente em relação à prática do Jornalismo Investigativo e das coberturas da editoria de Polícia. Lopes foi capturado quando fazia uma reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, subúrbio carioca. Segundo dados publicados à época, a morte do repórter foi ordenada por Elias Maluco, um dos líderes da facção Comando Vermelho. Entre as práticas contumazes do repórter estava o uso de microcâmeras, equipamento descoberto pelos traficantes.

O uso dessa estratégia de apuração propiciou a Tim Lopes o primeiro *Prêmio Esso de Telejornalismo*, em 2001, pela reportagem *Feira das Drogas*, exibida pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo. Suas imagens mostravam os traficantes da Vila Cruzeiro, no Complexo do Alemão, anunciando o preço das drogas pelas ruas da comunidade. A partir da premiação, o rosto do jornalista tornou-se mais conhecido e, muitos colegas, à época, consideraram imprudente a sua volta à comunidade para uma nova matéria de caráter investigativo. Em entrevista concedida a *Revista Caros Amigos*, por ocasião dos 10 anos do assassinato, o jornalista Percival de Souza pontua que, apesar das polêmicas, a morte de Tim Lopes mudou

a visão de muitos profissionais em relação ao trabalho em áreas de risco, o que ele classificou como “o AT e o DT, antes de Tim, depois do Tim”.

Uma mudança que o jornalista classifica como DT é a já citada alteração do Código de Ética para permitir o uso de identidades falsas e microcâmeras, o que já era contumaz para Tim Lopes e outros jornalistas. As empresas onde Tim atuou sempre providenciaram as condições necessárias para que seus disfarces fossem credíveis, fossem elas de caráter estrutural (verba para compra de material de construção, por exemplo) ou temporal (quando, por exemplo, fingindo-se de drogado, ficou internado por alguns dias numa clínica para dependentes químicos).

A trajetória profissional do repórter, brutalmente interrompida, motivou a criação de pelo menos três prêmios em sua homenagem: Concurso Tim Lopes para Projetos de Investigação Jornalística, criado através da parceria entre Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Childhood Brasil, que premia projetos de reportagens investigativas e oferece subsídios para sua execução e que não será analisado nesse artigo e os dois outros, objetos de estudo nesse *paper*: o *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* e o *Troféu Tim Lopes*, atribuído a categoria *Reportagem de Jornalismo Investigativo do Prêmio Imprensa Embratel*.

O primeiro foi idealizado em 2004, pelo Disque Denúncia e busca “reconhecer trabalhos jornalísticos de grande qualidade e incentivar a atividade que mais dava satisfação à Tim Lopes, estimulando assim a publicação de reportagens sobre temas de interesse da sociedade e que contribuam, de alguma forma, para a solução de problemas”³, o que reafirma a responsabilidade social desse gênero de jornalismo. O fato curioso é o regulamento traz o mesmo texto no qual o *Prêmio Exxon-Mobil*⁴ define a categoria *Reportagem* (sem adjetivação), cujo prêmio, é conferido, preferencialmente, “ao trabalho em que ficar evidenciado esforço acima do comum por parte do repórter ou de equipe de jornalistas para

³ <http://www.premiotimlopes.com.br/premiotimlopes/regulamento.php>, acessado em 15 de junho de 2015

⁴ Para 2015, o *Prêmio Esso de Jornalismo* passou a se chamar *Prêmio Exxon-Mobil de Jornalismo*

obtenção das informações utilizadas na matéria.”⁵, o que é repetido no regulamento do *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*.

Em dez edições, a premiação passou por diversas divisões em categorias. Nas mais recentes, além de *Televisão*, que contempla a imagem em movimento, há também a de *Fotografia e Repórter Cinematográfico*, cuja relação com o texto costuma ser abstraída nos julgamentos. Ressalta-se que o *Grande Prêmio* pode ser atribuído a reportagem veiculada em qualquer mídia.

Embora o *Prêmio Imprensa Embratel* exista desde 1999, a categoria *Jornalismo Investigativo*, com a respectiva atribuição do *Troféu Tim Lopes*, só foi criada em 2003 e, através de regulamento específico, define os critérios a serem observados na atividade jornalística para atender as condições para se candidatar ao troféu. Não são consideradas investigativas as matérias baseadas só em documentos (relatórios, processos, dossiês) passados ou fornecidos por terceiros. A categoria contempla reportagens únicas ou em série, independentemente do assunto e da mídia em que tenham sido veiculadas, demonstrando que a investigação não é exclusividade de apenas uma área, mas das dimensões da vida humana e social, desde que relevante em um cenário e/ou realidade regional ou nacional.

Pela visão do prêmio, a exemplo do que nos propõe Solano Nascimento, a reportagem deve ser fruto da apuração/investigação do próprio repórter ou equipe, exigindo esforço e dedicação do(s) seu(s) autor(es), com trabalho de campo, cuja publicação deve gerar um desfecho concreto do caso abordado em suas respectivas esfera sociais de competência. O regulamento indica que a “consistência da reportagem poderá também ser comprovada pelo desfecho do caso abordado: capacidade de gerar investigação - policial, judicial ou parlamentar -, abertura de inquérito, processos, julgamento etc.”

4. É possível investigar através de imagens? *Tim Lopes* responde

Ao fazer o levantamento das reportagens vencedoras do *Troféu Tim Lopes* foi possível confirmar não apenas o quanto as estratégias do homenageado tornaram-se paradigmáticas

⁵ <http://www.premioexxonmobil.com.br/site/regulamentos/jornalismo.aspx>, em 16 de junho de 2015

para o exercício da investigação, como também notar a importância dada às imagens videográficas como “prova” das investigações. O mesmo não ocorre com as imagens fotográficas. Elas até aparecem nas reportagens impressas, mas não são as condutoras da narrativa, que é preponderantemente verbal. Dos 11 *Troféus Tim Lopes*, atribuídos até hoje, sete foram entregues a emissoras de TV; sendo três deles, à Rede Globo, onde o repórter trabalhava por ocasião de seu assassinato. Ao assistir as reportagens, nota-se o uso crescente da câmera escondida, de disfarces ou de identidades falsas, mesmo antes da alteração do Código, como se pode perceber a partir dos dados da tabela 1, que identifica apenas as reportagens televisivas premiadas, descartando as duas reportagens online vencedoras em 2009 e 2010 e que, devido às características multimidiáticas do meio, podem incluir vídeos como parte de suas estratégias de edição.

Tabela 1 - Reportagem de Jornalismo Investigativo – Troféu Tim Lopes

ANO	REPORTAGEM	VENCEDOR	VEÍCULO	SOBRE
2004	"Máfia dos Salvados"	Eduardo Faustini e Frederico Neves	Fantástico – TV Globo	revela, com a utilização de uma câmera oculta, a venda irregular de carros sinistrados e denuncia o esquema que alimenta a indústria do roubo e furto de automóveis.
2006	"A farra dos vereadores turistas"	Giovani Grizotti	RBSTV	mostra como R\$ 1 milhão foram gastos pela Câmara de Vereadores de Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre, com diárias em hotéis, quando deveriam custear cursos de qualificação. No lugar dos cursos, os vereadores preferiam as compras no Paraguai e passeios turísticos.
2007	"Máfia das funerárias"	Eduardo Faustini e equipe	Fantástico – TV Globo	denuncia o golpe do atestado de óbito comprado, que envolve agências funerárias e médicos desonestos. Constata ainda que os métodos ilegais empregados no esquema podem ser usados até mesmo para encobrir crimes como assassinatos
2008	"Cocaína - cidade refém"	Fábio Diamante e Thiago Bruniera	Série – TV SBT	conta como entra no Brasil a cocaína distribuída pelas Farc, através de Tabatinga, na fronteira com a Colômbia e o Peru, onde o vaivém de carros, motos e barcos é livre, sem qualquer fiscalização e as condições de segurança são precárias. Revela ainda que a própria polícia de Tabatinga teme um ataque das Farc, já que a cadeia da cidade está lotada de traficantes.
2011	Fronteiras Escancaradas	César Tralli, com Pedro Mantoan e Fernando Ferro	TV Globo	revela o contrabando e o tráfico, de agrotóxicos, selos do Inmetro, cigarros, eletrônicos, gasolina, armas, drogas e animais, ao traçar um raio-x da fragilidade das fronteiras terrestres do Brasil. Constata, ainda, a corrupção policial, ameaças de morte a juízes e a transformação de aldeias de índios em território de narcotraficantes.

2012	Madeira Chipada	Jonas Campos, Carlos Rodrigues e Idemar Marcatto; Adiel Lima; Renato Mendes, Cheyla Ferraz e Robson Ricardo Crivelli; Alexandre Castanho.	TV Centro América	Uma área de floresta do tamanho de vinte mil campos de futebol em União do Sul, no norte de Mato Grosso, está sendo destruída por ladrões de madeira. Nossa equipe de reportagem instalou chips localizadores em algumas toras, nos principais pontos de retirada ilegal de madeira para flagrar um dos principais ladrões da floresta amazônica em Mato Grosso. Com o rastreamento o IBAMA fechou a serraria que recebeu madeira roubada e o gerente foi preso em flagrante.
2014	Moto Fantasma	Afonso Monaco e equipe	Domingo Espetacular – Rede Record	

Fonte: Textos retirados de www.premioimprensaembratel.com.br

Sobre as temáticas destacadas como relevantes para o exercício do Jornalismo Investigativo, embora o homenageado tenha se notabilizado pelas reportagens para as editorias de Cidade e de Polícia, das onze reportagens premiadas, quatro (36,36%) estão diretamente ligadas à outra editoria: Política, sendo apenas uma veiculada em televisão. As três restantes são de internet (2) e mídia impressa (1). Duas (18,18%), ambas veiculadas na TV, tratam especificamente de venda irregular de peças de carros ou motos : "Máfia dos Salvados" e "Moto Fantasma". As outras cinco abordam irregularidades diversas, que vão do tráfico de drogas – um dos temas preferidos de Lopes - às consequências da violência urbana para jovens e crianças, outro tema destacado nas reportagens do jornalista. Destas, apenas uma não foi feita especialmente para a TV, o que demonstra o quanto a linguagem e a imagem televisivas se prestam a prática das investigações jornalísticas.

As câmeras escondidas, além de viabilizar a captação de imagens de irregularidades, trazem uma nova estética, criticada por muitos, mas que nos reconcilia com o olhar escondido, não autorizado e ainda mais carregado de credibilidade, um dos componentes principais do *ethos* jornalístico. Ao observarmos os textos que descrevem as reportagens e justificam a premiação, há uma predominância do termo "revelar". Como visto conceitualmente, é da gênese do Jornalismo Investigativo mostrar aquilo que estava

intencionalmente escondido. Percebe-se que as reportagens são extensas e, muitas vezes, apresentadas em série, o que ocorre independentemente da mídia em que são veiculadas.

Quanto à segunda premiação estudada, ao observar o site oficial: <http://www.premiotimlopes.com.br/premiotimlopes/>, percebe-se que nem todas as dez edições estão disponíveis. Além disso, há grande variação na estrutura das categorias, ao longo de sua história. Há edições em que cada jornal carioca recebia um prêmio, o que dificulta a fidelidade conceitual ao que se entende como *Jornalismo Investigativo*. Em 2006, por exemplo, Fábio Gusmão, do *Jornal Extra*, recebeu o prêmio pela reportagem intitulada “Janela Indiscreta”, baseada nos registros feitos por uma aposentada que, por dois anos, filmou a atividade dos traficantes na ladeira dos Tabajaras em Copacabana, no Rio de Janeiro, e entregou as fitas à polícia. Conceitualmente, o trabalho de Gusmão seria uma reportagem sobre investigações e não Jornalismo Investigativo. Ressalta-se que a mesma matéria ganhou o *Prêmio Esso de Reportagem*.

A premiação busca “reconhecer grandes trabalhos de profissionais que tiveram, ao longo do ano, o desafio de INVESTIGAR UMA HISTÓRIA e CONECTAR FRAGMENTOS de fatos desconhecidos e ocultos” (grifo do site oficial). Mas, como um flagrante como *Atentado à liberdade de imprensa*, a multipremiada sequência de fotos de Domingos Peixoto em 2015, ou ainda *Desespero dentro da Kombi em São Gonçalo*, de Carlos Mesquita, premiada em 2008, atende a essas características? Conforme Cleofe Sequeira (2005) pontua, ao estudar o Jornalismo Investigativo, a fotografia não costuma ser o meio mais adequado para retratar processos complexos como o investigativo. Ressalta-se que, segundo os dados disponíveis, em 2013, a categoria Fotografia premiou José Mauro Leandro Pimentel, pela sequência de fotos da cobertura factual titulada como Assembleia em Chamas e veiculada sob a forma de slideshow pelo no Portal Terra.

Na edição de 2015, a última realizada pelo Disque Denúncia, além da sequência de Domingos Peixoto, que retrata o flagrante do momento em que o cinegrafista Santiago Andrade é atingido por um rojão, as discutíveis características investigativas da imagem foram destaque ainda nas categorias Televisão, Repórter Cinematográfico e

no Grande Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo. Em *Televisão*, a vencedora foi a matéria “O Mistério do Matador de Mulheres”⁶, veiculada no programa Repórter Record Investigação e realizada por Daniel Motta, Luis Gustavo Rocha, Lucas Wilches e Oloares Ferreira. O texto que a apresenta no site da premiação é o seguinte: Um matador misterioso assusta as mulheres de Goiânia e desafia a polícia. Até hoje 15 mulheres jovens e bonitas foram assassinadas a queima roupa em situações parecidas. Mas afinal, quem é o criminoso desconhecido e por que a polícia ainda não conseguiu resolver este mistério”. Ele indica que o agente da investigação é o repórter, cuja competência parece ser superior a do policial, que deveria proceder a investigação.

O repórter cinematográfico vencedor da edição de 2015 foi Julio Aguiar, da TV Globo pela matéria “Ladrão ataca entrevistada durante reportagem sobre roubos no centro do Rio de Janeiro”, que retrata um flagrante obtido durante uma entrevista realizada na rua. Não há qualquer processo de investigação, mas sim o efeito de realidade ressaltado pela capacidade do profissional em registrar o acontecimento não programado.

A reportagem “Prefeito de Coari (AM) é acusado de abusar de meninas de 9 a 15 anos”⁷, exibida pelo *Fantástico*, da TV Globo alcançou o grande prêmio da edição, o que reforça a percepção do quanto as matérias de TV ganham destaque quando se trata de Jornalismo Investigativo. Mônica Marques, Giuliana Girardi, Walter Nunes, José de Arimatea, Abiatar Arruda, Bruno Della Latta, Bruno Mauro e Claudio Gutierrez formavam a equipe vencedora da reportagem que parece apenas indicar o resultado de investigações promovidas por outrem, pois a reportagem foi descrita como “O prefeito do município de Coari, Adail Pinheiro, foi preso em Manaus

⁶ <http://noticias.r7.com/reporter-record-investigacao/videos/reporter-record-investigacao-desvenda-as-execucoes-de-mulheres-em-goiania-09092014>

⁷ <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/02/justica-do-am-decreta-nova-prisao-de-prefeito-de-coari-acusado-de-pedofilia.html>

acusado de chefiar uma rede de exploração sexual de jovens e adolescentes. Além dele, cinco pessoas foram detidas em Coari suspeitos de participação no esquema. Eles são servidores da prefeitura”.

Considerações Finais

A partir dos levantamentos foi possível constatar que, apesar da falta de clareza dos regulamentos quanto ao conceito de Jornalismo Investigativo, as reportagens televisivas são destaque e que o mesmo não ocorre com as fotografias, sejam elas inscritas sob a forma de foto única ou através de sequências ou ensaios fotográficos.

Como muitas premiações são criadas como estratégia de marketing e baseadas em apoios governamentais ou de empresas que buscam reforçar a sua marca, frente a sinais de crise, elas são descontinuadas, podendo voltar em outros cenários mais economicamente mais favoráveis. O jornalista Tim Lopes, além de ser o profissional escolhido para homenagem, tornou-se uma espécie de grife para o “selo” Jornalismo Investigativo, a ponte de ter seu nome atrelado a três premiações do campo jornalístico.

Percebeu-se ainda que embora alguns prêmios destaquem a atuação do profissional estilo o “lobo solitário”, que produza imagens normalmente fruto de situações não previstas e que, através da estética do flagrante ganhem força enquanto “efeito de realidade”, quando o assunto é reportagem de TV, o destaque passa a ser as grandes equipes e o trabalho em parceria. Nessa medida, as imagens únicas ou mesmo em série feitas por um único repórter-fotográfico ou cinematográfico em situação factual não se adéquam conceitualmente a noção de Jornalismo Investigativo, que está mais perto do processual do que do instantâneo. Contudo, Reportagem Fotográfica e Reportagem Cinematográfica existem como categorias específicas pelo menos em uma das premiações estudadas e que como tal deveriam ser paradigmas do “bom Jornalismo Investigativo”.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, J.M.F. **História da Fotorreportagem no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2004
BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.
CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2002

FECÉ, J. L. **Do realismo à visibilidade. Efeitos de realidade e ficção na representação audiovisual**, em <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/367/170>

FERREIRA, S. **Do testemunhal ao Virtual – 40 anos de Fotojornalismo Carioca**, tese de Doutorado. ECO-UFRJ. Rio de Janeiro, 2002

FERREIRA, S. **Vai dar Prêmio: A Valorização da Violência como Tema e do Flagrante como Paradigma nas Fotografias Vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo e do Prêmio Imprensa Embratel**, em <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-0376-2.pdf>

FORTES, L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005

LEAL, B. S. *Telejornalismo e autenticação do real: estratégias, espaços e acontecimentos* in GOMES, I.M.M (org) **Televisão e Realidade**, Bahia, Edufba, 2009

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e Jornalismo: a Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

MAUAD, A. M. **O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea**. em <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/12.shtml>

NASCIMENTO, S. **Os Novos Escribas**. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2010

SEQUEIRA, C. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Summus Editorial, 2005

SOUSA, J.P. **História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**, em http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html

TRAQUINA, N. **Uma comunidade interpretativa transnacional: a tribo jornalística**. em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/view/1086/811>

TRAQUINA, N **Teorias do Jornalismo – Volume II**. Santa Catarina: Insular, 2008

VILCHES, L. – **Teoria de la Imagen Periodística**. Barcelona, Paidós, 1987